

Ao Protocolo Legislativo para registro e, em

seguida, à **CCJE MESA DIRETORA**

Em 08/02/02

Itamar Pinheiro Lima
Chefe da Assessoria de Planário

CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

Em **05/02/02**
[Assinatura]
Assessoria de Planário

PR 79/2002

**Projeto de Resolução nº
(Do Deputado Rodrigo Rollemberg - PSB)**

**Cria a Comenda do Mérito "Mestre Onça Tigre" da
Câmara Legislativa do Distrito Federal, para os
professores de capoeira que atuarem com relevante
conduta ética e moral e dá outras providências.**

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL resolve:

Art. 1º Fica criado a Comenda do Mérito "Mestre Onça Tigre" da Câmara Legislativa do Distrito Federal a ser concedida anualmente aos professores de capoeira do Distrito Federal que ministrarem suas aulas conforme os princípios seculares da capoeira da boa conduta ética e da solidariedade e da amizade, contribuindo para formação educacional e moral de crianças, jovens e adultos.

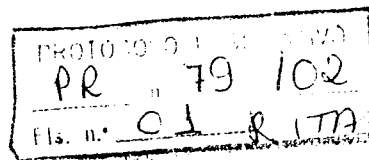
Art. 2º Os prêmios oficiais consistirão na entrega da Comenda do Mérito "Mestre Onça Tigre" da Câmara Legislativa do Distrito Federal, sendo que os agraciados serão escolhidos por júri constituído, especialmente para este fim, e composto por 5 (cinco) membros assim relacionados:

- I - 1 (um) jurado indicado pela Câmara Legislativa/DF;
- II - 1 (um) jurado indicado pela Secretaria de Cultura/DF;
- III - 1 (um) jurado indicado Secretaria de Esportes e Valorização da Juventude/DF;
- IV - 2 (dois) jurados indicados pela Associação Brasiliense de Capoeira/DF.

Art. 3º A título de premiação, serão distribuídos até 5 (cinco) Comendas por ano e os prêmios serão entregues no ato da nomeação em Sessão Solene a ser realizada no Plenário da Câmara Legislativa do DF.

Art. 4º Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.





CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

JUSTIFICAÇÃO

“Mestre Onça Tigre, discípulo de Manuel dos Reis Machado, o Mestre Bimba.”

MILTON FREIRE DE CARVALHO, Filho de Joaquim Carvalho Sobrinho e Maria Freire de Carvalho, nasceu em 7 de fevereiro do ano de 1919, em Mossoró, Rio Grande do Norte. Milton Freire cursou odontologia, é Mestre em Saúde Pública, Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais e professor da cátedra de Direito Constitucional.

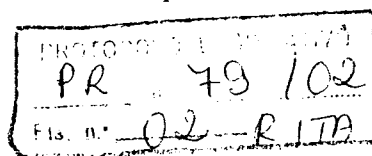
O Sr. Milton Freire é também “O mestre Onça”. Seu currículo é ainda mais rico quando se fala da capoeira.

Terminou o Curso de Aperfeiçoamento em Capoeira em 1942, em Salvador, Bahia. Introdutor do Ensino da Capoeira no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva - CPOR - em Salvador, Bahia. Introdutor da Capoeira em São Paulo, na Associação Cultural do Negro, em 1954, onde era um de seus fundadores, bem como do Teatro Experimental do Negro, no mesmo estado.

Mestre Onça é também fundador da Primeira Escola de Capoeira do Distrito Federal, na cidade de Taguatinga e Presidente da Associação de Capoeira do Distrito Federal – ASCAPO/DF.

Aos 83 anos, continua no exercício da capoeira, ministrando oficinas para alunos e professores, na qualidade de o mais importante e antigo capoeirista em atividade.

A história da capoeira vive imanente na alma do Mestre Onça. A capoeira, que veio em potencial nas hemácias dos Guerreiros que foram seqüestrados nos confins d’África, germinou nos bojos dos navios negreiros durante as longas travessias atlânticas, temperadas com açoites e queixumes. O mar emprestou-lhe a cadência do vai e vem, furioso ou dolente. O Africano chegou nestes Brasis e foi logo despejado nos canaviais e lavouras de café, prontos para enfrentar o correr dos martelos nas fazendas para onde foram leiloados e vendidos como instrumentos quaisquer. Sobraram maus tratos e pancadarias, tudo diferente das larguezas sem



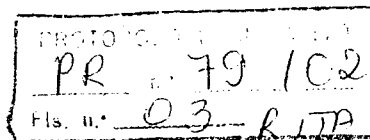
limites de seus pagos, onde deambulavam desembaraçadamente. Uma vez seqüestrados, de antemão já eram condenados sem julgamento e sem recursos À prisão perpétua e a trabalhos forçados, tendo como limites as florestas atlânticas povoadas por feras, e do outro lado a imensidão do mar. A fuga era impossível diante dos pantanais habitados por animais ferozes de todo tipo e tamanho. Quem se achasse perdido nos pântanos, perdido continuava, para sempre.

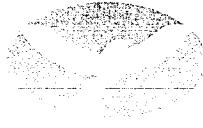
Para cumprir as leis naturais: conservação da vida e/ou perpetuação da espécie, optavam sempre pelas fugas, isto quando lhes era facultado enfrentar os capitães de mato fortemente armados e conhecedores dos ermos, dos desertos. Enfrentar os bandos de capitães de mato, lembrava as cerimônias guerreiras de antepassados nas danças da Zebra, N'golo e outros passos. Ensaivavam duelos de morte, mesmo porque a capoeira aí se achava nos primórdios de sua invenção como defesa. A despeito da capoeira que conhecemos ter a idade do cativo – três séculos, - era ainda incipiente como luta propriamente dita. A fuga para os quilombos – repúblicas dos homens livres – como assim eram chamados, eram levadas mais a sério. Qualquer negro apanhado nas brenhas dos quilombos já estava automaticamente condenado à morte, sem mais perspectivas que não a da mais humilhante revenda, qual alimária semovente a cobrir supostos prejuízos do “dono” de suas vidas sempre em condições subumanas.

Não obstante os velhos mandingueiros, já aclimatados, desenvolviam os primeiros passos do preceito, em busca da liberdade perdida. Motivações não faltaram para os guerreiros tentarem as contendas. As variáveis existiam para a Paz e para a guerra.

O novo cativo, logo que sarado dos relhos crus, durante a crucificação dos troncos, fazia-se à roda lúdica, superando o sangue derramado, mostrando nos escancamentos dos risos galhofeiros e se tornando aprendiz dos mestres “camaradas”, fundando o primeiro partido político sócio-econômico do Brasil: **A Capoeira Libertária.**

Do folguedo manso e inocente cheio de trejeitos e arreganhos de beíçolas expondo dentes hígidos de torar coco velado, passou à malícia, com seus martelos galopantes e godemes nas fuças de capitães-de-mato e soldados de farda vermelha, nas emboscadas preparadas nos





CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

caminhos dos pagodes e outros festejos da época. Tempos duros que ainda não haveriam de passar.

O capoeira virou *cabuletê* a soldo dos brancos e foi parar no mundo da ilegalidade com prisões e desterros. Somaram-se preconceitos e discriminações e o capoeira mergulhou no submundo do *olê-olê-patá-patá*, sem préstimo nenhum, a não ser para servir às malvadezas de seus donos brancos.

Defendemos a tese de que os escravos aceleraram as lutas pela independência do Brasil. Prova disso é que eles, através das fugas para os quilombos, diminuíram sensivelmente a produção do país; servindo as lutas como catalisadores dessa revolução, isto é, dessa mudança qualitativa, que desemboca na seqüência de lutas pela independência e vida não escrava. Palmares não é um simples vão na história!

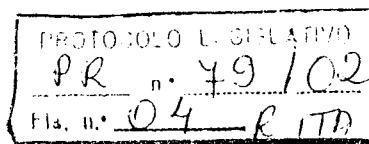
Da clandestinidade a capoeira ressurgiu rediviva lá no Recôncavo baiano, mas dessa vez montada nos pés ligeiros das crianças da Bahia de Todos os Santos: os Capitães-de-Areia que se tornaram mestres e levaram a capoeira angola para as feiras e festas de largo ou de padroeiros, onde apanhavam vinténs e lenços de tujubinas com a boca durante as demonstrações daquela arte.

A capoeira desenvolveu-se através de Mestre Bimba e outros aficionados e transformou-se em Regional – luta guerreira, adicionando ao jogo uma seqüência certa com a finalidade de automatizar os movimentos de defesa.

Mestre Bimba e seus companheiros achavam que apanhar dinheiro com a boca era humilhação.

A capoeira entrou nos grêmios das escolas e foi exaltada por poetas, cantadores, folcloristas, antropólogos e universitários - seus maiores empreendedores. Estes, hoje, os novos camarados mostram a “vorta do mundo” pelo mundo afora. O jogo evoluiu das capoeiras às praças e aos teatros, em um jogo bonito de ver, mansinho ou de guerra.

O gingado diversificou-se, manifestando-se no samba de roda, nos maracatús e frevos dos carnavais. Onde surgir um mandingueiro, haverá por certo, berimbau, pandeiro, afoxê,





CÂMARA LEGISLATIVA
DO DISTRITO FEDERAL

reco-reco, e agogô, provocando reflexo dinâmogênico dos *tuntuns* na cadência dos atabaques. Aí estará a grande roda eterna da minha querida capoeira!

Em verdadeiro estado de graça resta-me agradecer a suprema ventura que ora me faculta esta casa - oficina da lei – com honra e galhardia, cumpro com fé a cidadania brasileira, que tanto me ufana. Eu sou calaum fé mim, camará.

Pelo exposto, encontra-se justificado a criação da Comenda em epígrafe. Acredito ser mais que justa a homenagem ao nosso querido “Mestre Onça Tigre”.

Sala das Sessões, em


Deputado Rodrigo Rollemberg

